

A. Gomes da Costa

22 de Abril

Separata da R. IHGB, Rio de Janeiro, 155(383): 418-419, abr./jun. 1994.



8. 22 DE ABRIL

A. Gomes da Costa

Três documentos contemporâneos do Descobrimento atestam a chegada da armada de Pedro Álvares Cabral, em abril de 1500, ao litoral brasileiro. O primeiro, e o mais conhecido de todos, é a carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel, escrita no Porto Seguro da Ilha de Vera Cruz, em 1º de maio daquele ano; o segundo, é a carta de Mestre João, bacharel em artes e medicina, cirurgião do Rei, que, segundo Carlos Malheiro Dias, teve a primazia de transmitir a imagem gráfica da constelação do Cruzeiro do Sul; e, finalmente, o terceiro documento é a «relação do piloto anônimo», dando conta da viagem de ida e volta da esquadra cabralina à Índia, «relação» que foi encontrada em dois códices do século XVI e publicada pela primeira vez no ano de 1507, em dialeto veneziano. Só mais tarde, em 1812, aparece vertida em língua portuguesa e fazendo parte da «Coleção de Notícias para a História e a Geografia das Nações ultramarinas», editada pela Academia Real das Ciências de Lisboa.

Existem ainda outros textos subsidiários da época sobre o Descobrimento do Brasil, desde a «Carta del-Rey D. Manuel de Portugal á los Reys Católicos», de 28 de agosto de 1501, na qual o monarca português informava a Fernando e a Isabel que «o dito meu capitão — Pedro Álvares Cabral — com 13 naus partiu de Lisboa a 9 dias de março de ano passado e nas oitavas de páscoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu a que pôs nome de Santa Cruz...» até os relatos dos cronistas como João de Barros, Castanheda, Gaspar Corrêa, Damião de Gois e Pero de Magalhães Gandavo, com sua «História da Província de Santa Cruz.»

Todos estes depoimentos, aos quais se poderiam acrescentar, ainda, as cartas de Américo Vespúcio e de Giovanni Francesco Affaitadi, escritas logo após o regresso da expedição de Cabral a Lisboa, comprovam que foi numa quarta-feira, 22 de abril, depois de terem navegado «per este mar de longo» e «topado na véspera alguns sinais de terra», que os tripulantes fundearam as naus em frente ao Monte Pascoal.

Mas ao fazer a evocação histórica do Descobrimento, não queremos trazer à lide nenhuma das questões que noutros tempos suscitaram controvérsias, seja quanto à chegada dos portugueses em primeiro lugar ao Brasil, seja quanto à política de segredo das navegações, seguida pelos reis de Portugal, seja ainda quanto à intencionalidade, ou não, da esquadra de Cabral se ter desviado para o Ocidente, na sua rota para as Índias, e feito o achamento das novas terras.

O nosso propósito é apenas o de registrar a efeméride, tão esquecida nestes dias em que pouca importância se dá ao passado e às raízes da nacionalidade, e, ao mesmo tempo, observar que estando nós a pouco mais de 5 anos da virada do século não tenhamos ainda um programa para celebrar o meio milênio da chegada de Cabral a Porto Seguro.

Houve época em que era prática corrente nas escolas comemorar o Descobrimento do Brasil, com redações e concursos que despertavam, nas crianças e nos jovens, o fervor cívico e o orgulho das origens. Inseríamos o feito na epopéia de nossos antepassados e lia-se a certidão de batismo de Caminha como se fora o texto intuitivo das grandezas e das potencialidades do País. Da mesma forma, o Dia do Descobrimento chegou a ser incluído entre os feriados nacionais e no Parlamento foi instituído, por iniciativa do senador Vasconcelos Torres, o «Dia da Comunidade Luso-Brasileira», em 22 de abril, a que correspondeu gesto igual do governo português.

Tudo mudou deste e do outro lado do Atlântico. Poucos são os que se lembram de que a data não evoca apenas um encontro de civilizações, mas o destino da grandeza do Brasil e o maior feito dos portugueses ao longo de sua história.

Quanto às comemorações dos 500 anos do Descobrimento, também não se justifica que o governo venha perdendo a oportunidade da celebração para promover, em nível mundial, as singularidades e a riqueza da nossa formação étnica e histórica, da nossa cultura, do nosso sincretismo religioso, da nossa geografia e da nossa unidade territorial.

A continuar assim, as comemorações cabralinas acabarão por ficar reduzidas à sessão solene no Congresso Nacional e ao oferecimento de uma réplica da estátua do senhor de Belmonte ao Município de Porto Seguro....

B. M.
P. V.

